Estrutura retórica e combinação de orações em narrativas orais e em narrativas escritas do português brasileiro

Juliano Desiderato Antonio

Departamento de Letras – Universidade Estadual de Maringá (UEM)
Avenida Colombo, 5790 – CEP 87020-900 –· Maringá – · PR

jdantonio@uem.br

Abstract. *This paper investigates in oral and written Brazilian Portuguese Matthiessen & Thompson's (1988) claim that rhetorical relations held in text level organize text coherence and clause combining. A taxonomy of the functions of the rhetorical relations in the narratives of the corpus has been defined. There are relations which act in text organizing, relations which act in text organizing and in paratactic clause combining and relations which act in hypotactic clause combining.*

Keywords. *Rhetorical Structure Theory; Clause combining.*

Resumo. *Neste trabalho, procura-se verificar, no português brasileiro, nas modalidades de língua oral e escrita, a afirmação de Matthiessen & Thompson (1988) de que as relações retóricas que se estabelecem no nível discursivo organizam desde a coerência dos textos até a combinação entre orações. Estabeleceu-se uma taxonomia das funções exercidas pelas relações retóricas nas narrativas do corpus. Há relações cuja principal função é de organização textual, relações cuja função é, além de organização textual, de combinação de orações paratáticas e, por último, relações cuja função é de combinação de orações hipotáticas.*

Palavras-chave. *Teoria da Estrutura Retórica do Texto; Combinação de orações.*

1 Introdução

Neste trabalho, procura-se verificar, no português brasileiro, nas modalidades de língua oral e escrita, a afirmação de Matthiessen & Thompson (1988) de que as relações retóricas que se estabelecem no nível discursivo organizam desde a coerência dos textos até a combinação entre orações. Relaciona-se, dessa forma, um fenômeno gramatical, a articulação de orações, à estrutura organizacional do texto, com base na Teoria da Estrutura Retórica do Texto. Essa teoria, que está sendo desenvolvida no âmbito do chamado Funcionalismo da Costa-Oeste, cujo principal campo de estudo é a relação entre gramática e discurso, tem como objetivo descrever a organização dos textos, caracterizando as relações que se estabelecem entre as suas partes. O *corpus* da pesquisa é constituído de sessenta narrativas, produzidas por informantes do Ensino Superior, do Ensino Médio e do Ensino Fundamental, após a exibição de um filme mudo. Por meio da ferramenta RSTTool, foram elaborados os diagramas da estrutura retórica dos sessenta textos do *corpus*. Os dados referentes à articulação de orações foram codificados com a ajuda da ferramenta Systemic Coder. Estabeleceu-se uma taxonomia das funções exercidas pelas relações retóricas nas narrativas do *corpus*. Há relações cuja

principal função é de organização textual, relações cuja função é, além de organização textual, de combinação de orações paratáticas e, por último, relações cuja função é de combinação de orações hipotáticas.

2 Fundamentação teórica

De acordo com a Teoria da Estrutura Retórica dos Textos, além do conteúdo proposicional explícito veiculado pelas orações de um texto, há proposições implícitas, chamadas *proposições relacionais*, que surgem das relações que se estabelecem entre porções do texto. Para Mann & Thompson (1983), as proposições relacionais permeiam todo o texto, desde as porções maiores até as relações estabelecidas entre duas orações. Segundo a teoria, são essas relações que dão coerência ao texto, conferindo unidade e permitindo que o produtor atinja seus propósitos com o texto que produziu.

Uma lista de aproximadamente vinte e cinco relações foi estabelecida por Mann e Thompson (1987a), após a análise de centenas de textos, por meio da Teoria da Estrutura Retórica. Essa lista não representa um rol fechado, mas um grupo de relações suficiente para descrever a maioria dos textos. Com base na organização, as relações podem ser divididas em dois tipos:
– Relações núcleo-satélite: uma porção do texto (satélite) é ancilar da outra (núcleo), como na figura 1, no qual um arco vai da porção que serve de subsídio para a porção que funciona como núcleo;
– Relações multinucleares: uma porção do texto não é ancilar da outra, sendo cada porção um núcleo distinto, como na figura 2.

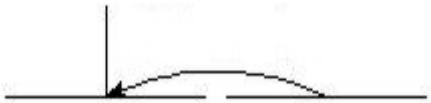

Figura 1 - Esquema de relação núcleo-satélite

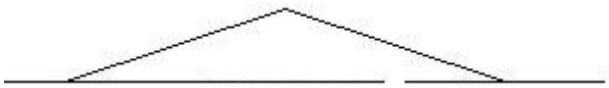

Figura 2 - Esquema de relação multinuclear

3 Análise do *corpus*

3.1 Relações que atuam na organização do texto

3.1.1 Relações que têm como escopo porções de texto maiores do que a oração

Há, no *corpus* analisado, relações que são estabelecidas primordialmente para organizar porções de texto maiores do que a oração. Como geralmente estão presentes nas primeiras camadas da estrutura retórica, essas relações podem caracterizar um determinado tipo de texto, como acontece no *corpus* com as relações de *background* e de solução. Em todas as narrativas desse *corpus*, o primeiro nível da estrutura retórica se apresenta em forma de uma divisão tripartida, como pode ser observado na figura 3.

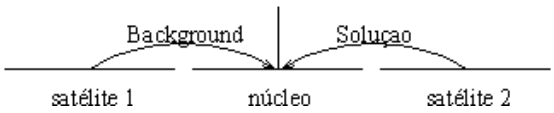

Figura 3 – Organização do primeiro nível da estrutura retórica dos textos do *corpus*

A definição da porção de texto considerada o núcleo da narrativa é feita com base no conceito de nuclearidade, tomado como princípio organizador central da

estrutura do texto (Mann e Thompson, 1987; 1988). A porção escolhida como núcleo, na análise, é aquela que é mais central para os propósitos do produtor do texto. O julgamento que determina, em um par, qual porção de texto é núcleo e qual é satélite é feito com base em dois critérios, o da assimetria e o da independência.

As relações são assimétricas, ou seja, a primeira porção de texto serve de *background* para a segunda, ao passo que esta nunca serve de *background* para a primeira. A terceira porção de texto serve de solução para a segunda, ao passo que esta nunca serve de solução para a terceira.

No que diz respeito ao critério da independência, pode-se dizer que uma porção do par (o núcleo) é independente da outra (o satélite), não sendo a recíproca verdadeira, ou seja, o satélite não é independente do núcleo. Nas narrativas do *corpus*, o núcleo foi determinado com base na teoria das partes da narrativa de Labov e Waltezky (1967), segundo a qual a complicação é considerada a parte central da narrativa, compreendendo os eventos que tornam intrincadas as ações. Essas ações, no vídeo utilizado para elicitar as narrativas, têm início quando o rapaz e a moça se encontram, sendo, logo em seguida, separados pelo pai dela, que a prende no quarto dela. Fazem parte da complicação, também, a entrada do rapaz no quarto da moça, a chegada do pai ao quarto, que resulta na briga do pai com o rapaz, e a fuga do rapaz, que quase é capturado pelos guardas. As duas outras grandes porções de texto das narrativas (*background* e solução), exemplificadas na figura 3, são, assim, dependentes dessa porção central, já que têm a função de introduzir, respectivamente, o pano de fundo e a solução dos eventos que complicam a narrativa.

A relação de *background* corresponde à orientação, parte da narrativa que, segundo Labov e Waletzky, fornece informações sobre o pano de fundo da narrativa, ou seja, sobre quem são os personagens, sobre onde e quando ocorrem os eventos etc. No vídeo do Pavão Misterioso, fazem parte do satélite de *background* a chegada do rapaz à cidade, a compra de um jornal, a passagem de um cortejo fúnebre, o passeio do rapaz pela cidade, sua ida ao hotel e sua ida à festa que está acontecendo na cidade. A apresentação desses elementos permite ao leitor/ouvinte da narrativa compreender melhor a parte central da narrativa.

A relação de solução também encontra uma parte correspondente nas divisões da narrativa de Labov e Waletzky. Trata-se da resolução, parte que fornece a solução para os eventos que complicam a ação. Os eventos apresentados pelo satélite de solução, no vídeo do Pavão Misterioso, compreendem a ida do rapaz a uma oficina, onde projeta e constrói, juntamente com o mecânico dessa oficina, uma aeronave na forma de um pavão. Em seguida, o rapaz vai à casa da moça, desce a aeronave sobre o telhado da casa, desce pelo forro por uma corda e sobe novamente para o telhado levando sua amada consigo. Eles fogem, então, voando no pavão misterioso, acenando para os habitantes da cidade, que saem às ruas para acenar para o casal. O pai da moça fica furioso. Esses eventos são a solução para o problema apresentado na complicação (núcleo), ou seja, o casal se encontra, apaixona-se, mas é separado pelo pai da moça.

3.1.2 Relações que têm como escopo desde uma oração até porções de texto maiores do que a oração

Podem ser encontradas no *corpus* outras relações que também atuam na organização do texto, mas que têm como escopo desde uma oração até grandes porções

formadas por várias orações. É o caso das relações de elaboração e de resultado. A primeira exerce importante função na organização do texto, que é a de acrescentar informações (explicação, maiores detalhes, etc.) a uma outra porção de texto. Pela definição, a porção de texto contida no satélite deve acrescentar informações a respeito da porção de texto que forma o núcleo. No exemplo da figura 4, encontrado em uma narrativa oral, a porção de texto formada pelas unidades de 31 a 33 acrescenta informações sobre a unidade 30, ou seja, explica como o rapaz foi além da ousadia presumida pelo pai da moça.

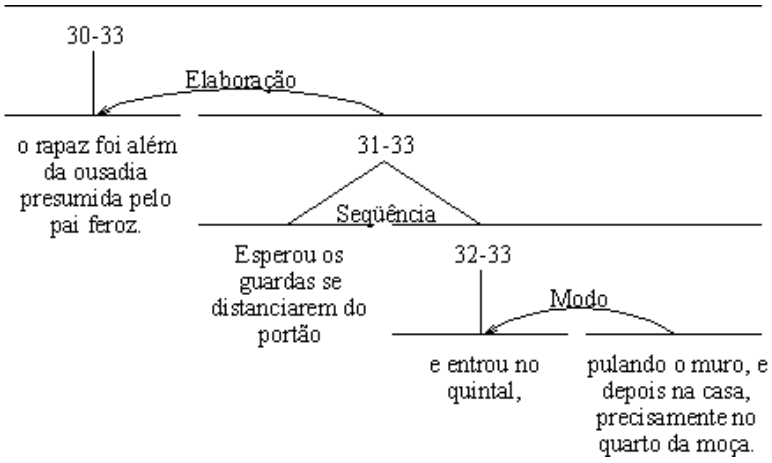

Figura 4 – Relação de elaboração estabelecida entre uma oração e uma porção de texto formada por várias orações

A relação de resultado é muito semelhante à relação de causa, mas, na verdade, há uma diferença polar entre essas relações. Ambas trazem uma ação ou situação que causa outra ação ou situação. A diferença reside na posição em que ocorrem núcleo e satélite. Na relação de causa, a ação ou situação causadora está no satélite, de forma que a relação de causa ocorre principalmente na combinação entre a oração causal e sua oração-núcleo. A relação de resultado, por sua vez, tem a ação ou situação causadora no núcleo. Na figura 5, encontrada em uma narrativa escrita, a relação de resultado é empregada no estabelecimento de relações entre porções de texto maiores do que uma oração.

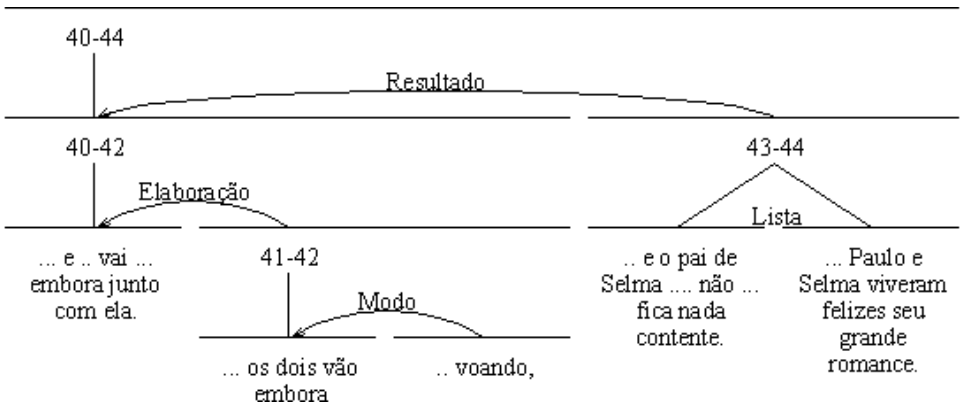

Figura 5 – Relação de resultado estabelecida entre porções de texto formadas por mais de uma oração

3.2 Relações que atuam na organização do texto e na combinação de orações paratáticas

Há, também, relações que, além atuarem na organização de porções de texto maiores do que a oração, também são encontradas com muita freqüência nas relações estabelecidas entre duas orações. É o caso das relações de seqüência, de lista e de contraste. Atuam na organização de grandes porções de texto e também são empregadas na combinação de orações aditivas (relações de seqüência e de lista) e na combinação de orações adversativas (relação de contraste).

Em uma combinação paratática, encontram-se orações de mesmo estatuto, ou seja, uma oração não modifica a outra (HALLIDAY, 1985). No caso das relações multinucleares, as porções de texto que se relacionam não são ancilares uma da outra, isto é, são núcleos distintos (MANN & THOMPSON, 1987a; MANN & THOMPSON, 1987b).

No *corpus*, entre as orações paratáticas aditivas, estabelecem-se relações multinucleares de seqüência ou de lista.

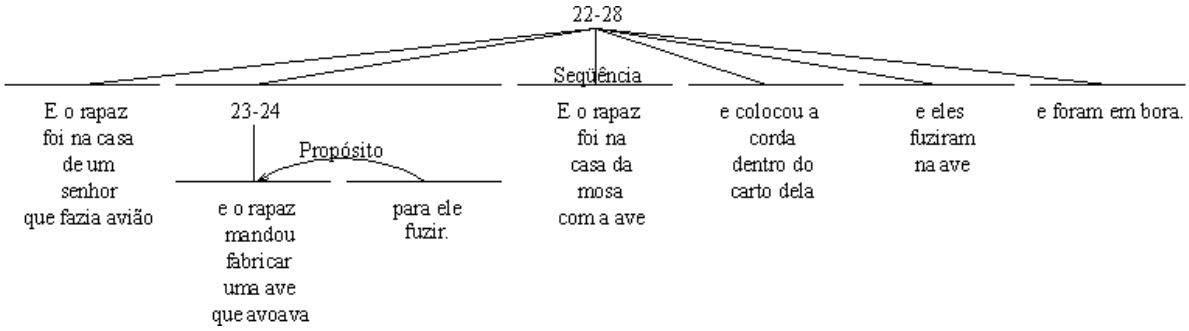

Figura 6 – Relação de seqüência estabelecida entre orações aditivas

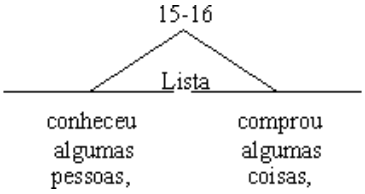

Figura 7 – Relação de lista estabelecida entre orações aditivas

No exemplo da figura 6, encontrado em uma narrativa escrita, pode-se observar que os eventos codificados pelas orações se sucedem temporalmente, motivo pelo qual a relação estabelecida é a de seqüência (relação de sucessão entre as situações nos núcleos).

Por outro lado, no exemplo da figura 7, encontrado em uma narrativa escrita, as orações aditivas codificam eventos semelhantes, mas que não necessariamente se sucedem temporalmente. Assim, a relação estabelecida é a de lista (um item comparável a outros).

Entre as orações paratáticas adversativas, estabelece-se relação de contraste, como pode ser observado no exemplo da figura 8, encontrado em uma narrativa escrita.

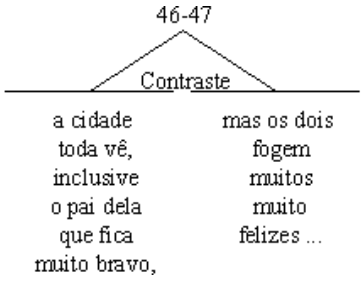

Figura 8 – Relação de contraste estabelecida entre orações adversativas

Na relação multinuclear de contraste, as situações e/ou os eventos codificados pelos núcleos são concebidos como semelhantes em alguns aspectos e divergentes em outros aspectos, e são comparáveis com base nessas diferenças. A coordenação adversativa por meio do *mas* é tratada de forma semelhante por Neves (2000, p. 756): "[o MAS] coloca o segundo segmento como de algum modo diferente do primeiro", ou seja, fica implícito que há semelhança entre as orações, uma vez que a relação adversativa coloca uma das orações como de algum modo diferente da outra.

3.3 Relações que atuam principalmente na combinação de orações hipotáticas

Podem ser encontradas, também, relações que primordialmente são empregadas na combinação de uma oração hipotática com a oração-núcleo. É o que acontece, no *corpus*, com as relações de evidência, de justificativa, de causa, de concessão, de propósito, de modo, de meio e de circunstância.

Uma oração hipotática modifica a oração-núcleo à qual está ligada. Ao contrário do que ocorre com as orações paratáticas, a oração hipotática tem estatuto desigual em relação à oração-núcleo (HALLIDAY, 1985). Por sua vez, nas relações núcleo-satélite, a porção de texto que funciona como satélite é ancilar da porção de texto que funciona como núcleo, sendo dependente dela (MATTHIESSEN & THOMPSON, 1988).

As orações causais estabelecem no *corpus* relações de evidência, de justificativa ou de causa com a oração-núcleo à qual estão ligadas.

No caso da relação de evidência, a porção de texto que funciona como satélite (a oração causal) fornece um argumento com a finalidade de comprovar o conteúdo da oração-núcleo, como no exemplo da figura 9, encontrado em uma narrativa oral.

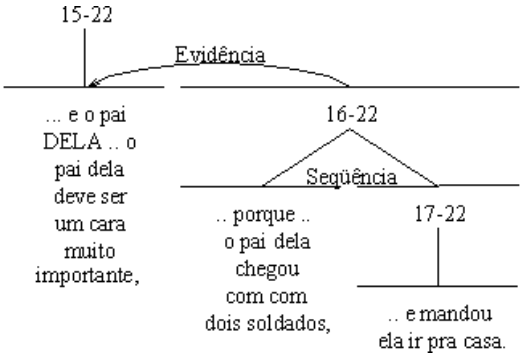

Figura 9 – Relação de evidência estabelecida entre a oração causal e a oração-núcleo

Na relação de justificativa, a porção de texto que funciona como satélite (a oração causal) apresenta o motivo que levou o produtor do texto a realizar o ato de fala veiculado pela oração-núcleo, como pode ser observado no exemplo da figura 10, encontrado em uma narrativa oral.

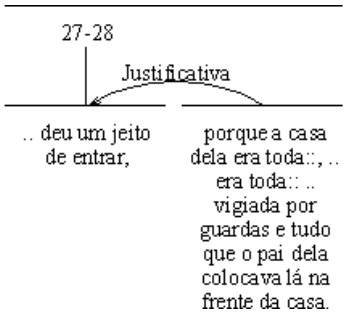

Figura 10 – Relação de justificativa estabelecida entre a oração causal e a oração-núcleo

Em ambos os exemplos, a porção de texto que funciona como satélite seria considerada, pela gramática tradicional, uma oração coordenada explicativa. No entanto, como pode ser observado, a relação estabelecida é do tipo núcleo-satélite, tendo em vista que as porções de texto não constituem núcleos distintos, sendo uma porção de texto ancilar da outra. O que ocorre, na verdade, é que a relação é estabelecida no domínio dos atos de fala, como aponta Neves (1999), com base no conceito de domínio semântico de Sweetser (1990). No caso do exemplo 9, a porção de texto que funciona como satélite tem por função fornecer evidência para o ato de fala realizado pelo produtor do texto de que "o pai dela deve ser um cara muito importante". Por sua vez, no exemplo 10, a porção de texto que funciona como satélite tem a finalidade de justificar o porquê de o produtor do texto ter dito que o rapaz teve de "dar um jeito de entrar".

Na relação de causa, por sua vez, a ação ou situação veiculada pelo conteúdo do satélite (oração causal) causa a ação ou situação veiculada pelo conteúdo do núcleo, como pode ser observado no exemplo da figura 11, encontrado em uma narrativa escrita.

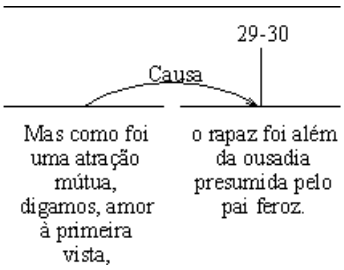

Figura 11 - Relação de causa estabelecida entre a oração causal e a oração-núcleo

Embora a relação de resultado tenha a mesma definição da relação de causa, as orações causais não estabelecem relações de resultado, uma vez que, nessa relação, a ação ou situação causadora se encontra no núcleo.

No *corpus*, a relação de resultado pode ser expressa pelas orações consecutivas, que denotam o efeito ou o resultado de um evento expresso na oração-núcleo, como pode ser observado no exemplo da figura 12, encontrado em uma narrativa escrita.

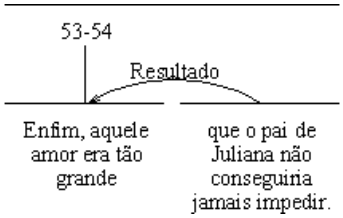

Figura 12 - Relação de resultado estabelecida entre a oração consecutiva e a oração-núcleo

As orações concessivas estabelecem, no *corpus*, relações de concessão com a oração-núcleo à qual estão ligadas. Na proposta da Teoria da Estrutura Retórica dos Textos, a porção de texto que funciona como satélite (a oração concessiva) traz uma situação que, mesmo sendo aparentemente inconsistente, é apresentada pelo produtor do texto. A definição do significado básico do grupo de orações ao qual pertencem as orações concessivas é semelhante: contrariedade à expectativa (HALLIDAY & HASAN, 1976), do tipo que pode ser observado no exemplo da figura 13, encontrado em uma narrativa oral.

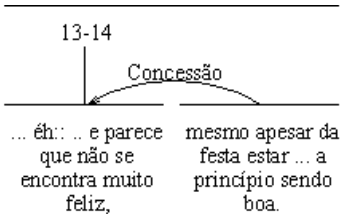

Figura 13 - Relação de concessão estabelecida entre a oração concessiva e a oração-núcleo

As orações finais estabelecem, com a oração-núcleo à qual estão ligadas, relações de propósito. Nessa relação, a porção de texto que funciona como satélite expressa uma atividade que deverá ser realizada por meio da atividade expressa pela porção de texto que funciona como núcleo. É o que pode ser observado no exemplo da figura 14, encontrado em uma narrativa escrita.

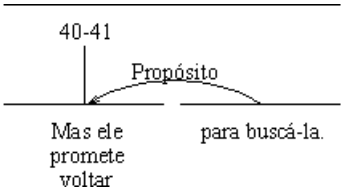

Figura 14 - Relação de propósito estabelecida entre a oração final e a oração-núcleo

As orações modais estabelecem relações de modo ou de meio com a oração-núcleo à qual estão ligadas. Por meio das orações modais, expressa-se como o evento da oração-núcleo é realizado. Na definição da relação de modo, a porção de texto que funciona como satélite é definida de forma semelhante, ou seja, essa porção de texto apresenta o modo como é realizada a ação expressa pela porção de texto que forma o núcleo, como pode ser observado no exemplo da figura 15, encontrado em uma narrativa oral. Por sua vez, na relação de meio, como se observa no exemplo da figura 16, encontrado em uma narrativa oral, a porção de texto que funciona como satélite apresenta um procedimento ou um instrumento que permite a realização do evento encontrado na porção de texto que forma o núcleo.

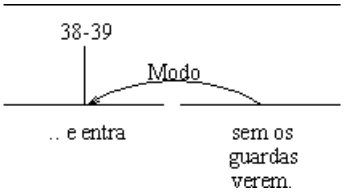

Figura 15 - Relação de modo estabelecida entre a oração modal e a oração-núcleo

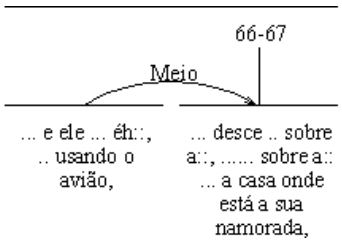

Figura 16 - Relação de meio estabelecida entre a oração modal e a oração-núcleo

As orações temporais estabelecem, com a oração-núcleo à qual estão ligadas, relação de circunstância, como pode ser observado no exemplo da figura 17, encontrado em uma narrativa oral.

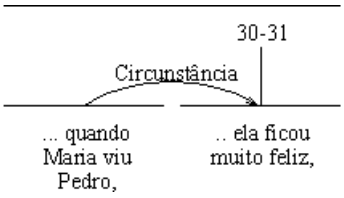

Figura 17 - Relação de circunstância estabelecida entre a oração temporal e a oração-núcleo

4 Considerações finais

Neste trabalho, apresentou-se uma classificação das relações da Teoria da Estrutura Retórica do Texto de acordo com a função que elas exercem nas narrativas do *corpus*.

As relações de *background*, de solução e de resumo exercem função de organização textual e atuam nas primeiras camadas da estrutura retórica das narrativas, tendo como escopo porções de texto maiores do que a oração. As relações de avaliação, de elaboração e de resultado também exercem função de organização textual, mas têm como escopo tanto uma oração como porções de texto maiores do que a oração.

As relações de seqüência, de lista e de contraste, por sua vez, atuam tanto na organização textual como na combinação de orações paratáticas. As orações aditivas estabelecem relações de seqüência ou de lista, ao passo que as orações adversativas estabelecem relações de contraste.

Por último, há relações que atuam principalmente nas combinações de orações hipotáticas. Trata-se das relações de evidência, de justificativa, de causa, de concessão, de propósito, de modo, de meio e de circunstância. Estão ligadas às orações causais as relações de evidência, de justificativa e de causa. As orações concessivas estabelecem relações de concessão, as orações finais estabelecem relações de propósito, as orações

modais estabelecem relações de modo e de meio e, por fim, as orações temporais estabelecem relações de circunstância.

Essas observações feitas no *corpus* são, portanto, uma evidência a favor da afirmação de Matthiessen e Thompson (1988, p. 286) de que "a gramática da combinação de orações reflete a organização do discurso", uma vez que, na combinação de orações, podem ser encontrados os mesmos padrões de organização retórica do texto, ou seja, relações com um núcleo e um satélite e relações com mais de um núcleo.

Referências

HALLIDAY, M.A.K. *An introduction to functional grammar*. Baltimore: Edward Arnold, 1985.

_____; HASAN, R. *Cohesion in English*. Oxford: Oxford University Press, 1976.

LABOV, W.; WALETZKY, J. Narrative analysis: oral versions of personal experience. In: HELM, J. (ed.) *Essays on the Verbal and Visual Arts*. Washington: University of Washington Press, 1967.

MANN, W.C.; THOMPSON, S.A. *Relational propositions in Discourse*. ISI/RR-83-115, 1983.

_____. *Rhetorical Structure Theory: a framework for the analysis of texts*. ISI/RS-87-185, 1987.

_____. *Rhetorical Structure Theory: toward a functional theory of text organization*. *Text* 8(3): 243-281, 1988.

MANN, W.C.; MATTHIESSEN, C.M.I.M.; THOMPSON, S.A. Rhetorical Structure Theory and text analysis. In: MANN, W.C.; THOMPSON, S.A. (eds.) *Discourse description: diverse linguistic analyses of a fund-raising text*. Amsterdam/Philadelphia: J. Benjamins, 1992.

MATTHIESSEN, C.; THOMPSON, S.A. The structure of discourse and 'subordination'. In: HAIMAN, J.; THOMPSON, S.A. (eds.) *Clause Combining in Grammar and Discourse*. Amsterdam/Philadelphia: J. Benjamins, 1988.

NEVES, M.H.M. As construções causais. In: _____ (org.) *Gramática do português falado*: novos estudos. S. Paulo: Humanitas/FFLCH/USP; Campinas: Editora da Unicamp, 1999. v. 7, p. 461-496.

_____. *Gramática de usos do português*. S. Paulo: Editora UNESP, 2000.

SWEETSER, Eve. From Etymology to Pragmatics. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.